

INSTITUTO

Documentação
 SOCIOAMBIENTAL
 Fonte: *Diário de Curitiba (MT)*
 Data: *2/11/97* Pg. _____
 Class.: _____

SAÚDE INDÍGENA

212 4468 1092 1814

Entidade divulga entre bororos e xavantes prevenção à Aids e DST

O programa é financiado pelo Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento e Ministério da Saúde

FRANCIS AMORIM

Da Sucursal de Barra do Garças

Guilherme Carrano

O Centro Etno-ecológico do Vale do Araguaia (Celva) está desenvolvendo junto aos índios xavantes e bororos o projeto de "Educação e Prevenção DST/Aids para Xavante e Bororo". A cooperação da entidade não governamental está sendo viabilizada pelo Programa Nacional de DST/Aids, da Secretaria de Assistência à Saúde, do Ministério da Saúde, dentro de Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud).

O projeto visa levar informações aos homens e mulheres índias e, principalmente, aos estudantes das cidades, sobre os riscos de contágio das "novas doenças" e as formas de proteção. O trabalho está, inicialmente, voltado para as cerca de 20 aldeias dos municípios de General Carneiro, Paranatinga e Barra do Garças. Há perspectiva de se expandir, apresentando o material didático que está sendo preparado para as outras áreas bororos e xavantes de Rondonópolis, Nova Xavantina e Água Boa, totalizando cerca de 80 aldeias, ou 50% da população indígena de Mato Grosso.

Como recurso didático estão sendo preparados álbuns sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e Aids, nas línguas xavante e bororo, e um pequeno documentário em VHS também nas línguas indígenas.

"A preocupação, expressa através dos materiais produzidos, é se mostrar a realidade das doenças sexuais e Aids, através de fotos, gráficos e frases reflexivas e orientativas", destaca o indigenista Guilherme Carrano, coordenador do projeto na região de Barra do Garças.

O aspecto mais importante a ser alcançado pelo projeto, segundo Carrano, é discutir nas aldeias sobre as doenças sexualmente transmissíveis e, caso se perceba ou se sinta algo, buscar tratamento junto aos órgãos disponíveis: Casa de Saúde do Índio, Funai, Posto de Saúde Municipal ou qualquer outro meio.

"É por isso que procuramos usar a cultura indígena para nos auxiliar. Os 'padrinhos', por exemplo, precisam saber bem sobre DST para explicar aos mais novos os cuidados que devem tomar. Eles é que irão 'liberar', na cultura



Guilherme Carrano, fundador do Celva, entre os índios que estão aprendendo como se prevenir das Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids

indígena, os mais jovens para a vida sexual", destacou. Padrinhos são os índios adultos que ajudam na educação dos garotos.

A proposta do projeto foi apresentada pelo Celva aos órgãos federais e das Nações Unidas e, além da coordenação do indigenista Guilherme Carrano, que é membro da entidade e também servidor da Fundação Nacional do Índio (Funai), conta com o auxílio dos índios Lino Tsere Ubudzi e Lourenço Wa'ané (xavantes) e Agostinho Eibajiwu (bororo). Lino tem curso nível médio de enfermagem e está preocupado em retornar os conhecimentos para sua comunidade. Lourenço é aluno do 2º grau em Barra do Garças, já tendo trabalhado na aldeia como professor de 1º grau e Agostinho já foi professor dos bororos na aldeia Garças e está terminando o 1º grau em Meruri, no município de General Carneiro.

Desde a implantação, o projeto já levou conhecimentos a cerca de

8.500 índios xavantes nas Terras Indígenas São Marcos (Barra do Garças), Marechal Rondon (Paranatinga) e Sangradouro (General Carneiro) e um número aproximado de 600 bororos na Terra Indígena Meruri (General Carneiro) e também aos professores bilingües do Projeto Tucum, implantado na região para a formação de professores indígenas.

"A meta é levar o projeto para as aldeias Pimentel Barbosa e Arcões, em Água Boa, Parabururé, em Campinápolis, e nas comunidades bororos Tereza Cristina, Tadarimana e Perigara, em Rondonópolis".

Nessas terras, pretende-se, por meio dos caciques, levar os trabalhos em álbuns e vídeo para palestras de orientação aos homens e mulheres, destacou Guilherme, que desde 1.975 é funcionário da Funai e fundador do Celva, entidade que vem buscando alternativa para se viabilizar trabalhos em prol dos índios.

Cacique culpa branco pelas doenças

O cacique xavante Amiceto, das Terras Indígenas São Marcos, no município de Barra do Garças, culpa o homem branco pelo surgimento das doenças sexualmente transmissíveis. Segundo ele, o branco não pensa no seu semelhante e faz de tudo para experimentar tudo o que vê pela frente.

"O homem quer experimentar animais e animais transmitem doenças. Não pensa como o índio, que hoje vem sofrendo com as consequências. Se fizesse apenas com a mulher, talvez não tivesse tantas doenças", ressaltou, dizendo que os índios hoje não tem proteção para livrar de tais doenças.

O cacique elogiou a disposição do indigenista Guilherme Carrano ao coordenar o projeto de Educação e Prevenção DST/Aids e criticou o Governo Federal pela política

de apoio ao índio. "Antes, índio não precisava nem de roupas, quanto mais de vacinas e remédios, e hoje estão morrendo a mingua pelas mãos do homem branco. Tudo está se acabando, as terras dos índios não são mais respeitadas e o que se vê são florestas derrubadas, enfiacquecidas e a comunidade indígena cada vez mais doente".

O documentário em VHS sobre o projeto que está sendo desenvolvido nas aldeias está em fase de conclusão na língua xavante e brevemente será editado também em língua bororo. Com o auxílio do Instituto de Saúde Coletiva e do Instituto de Ciências e Letras do Médio Araguaia, da Universidade Federal de Mato Grosso, o documentário será também reproduzido em português.

(FA)

Marcus Vallant/DC



Índiana e a mãe, Alzira, relatam em deixar a chácara e voltar para a aldeia Figueiras, dos parecis, em Barra do Bugres

Chácara Ambulatório de Cuiabá requer pessoal e equipamentos

ALINE CUBAS
Da Reportagem

A Chácara Ambulatório mantida pela Funai para receber índios que precisam de tratamento em Cuiabá sofre com a falta de pessoal e equipamentos. Localizada a 5Km da rodovia Palmiro Paes de Barros, que leva a Santo Antônio de Leverger, a unidade de saúde indígena atende em média 40 índios encaminhados pelos núcleos de apoio da Funai do interior.

No ambulatório é atendida a parte clínica, em uma espécie de triagem. Casos mais graves — em que há necessidade de especialistas ou equipamentos sofisticados — são encaminhados para hospitais credenciados ao SUS, em Cuiabá. A equipe da chácara é formada por 20 funcionários. Mas o único médico atende em apenas um turno, três vezes por semana.

Outra dificuldade é remover os pacientes, o que é preciso fazer praticamente todos os dias. Para o transporte existe um carro. No entanto, nos casos mais graves, a coisa se complica porque não há ambulância.

Mas, apesar disso, os índios pa-

recem gostar do atendimento e chegam a relutar em voltar para casa. "Eles estão me mandando embora porque dizem que eu não tenho mais nada, eles é que estão me mandando embora", explicava na semana passada Indiana Parecis, da aldeia Figueiras, de Barra do Bugres. Acompanhada da mãe, ela diz que ainda não quer voltar para a aldeia. "Eu estou sofrendo muito, falam que não tenho nada, mas estou sofrendo muito", reforça.

Acendina Bororo também confirma que acha a chácara boa e que não tem vontade de ir embora. A índia deixou a Aldeia Perigara, na região do Pantanal, pela primeira vez na vida ao final de uma gravidez de risco. A transferência para Cuiabá foi decidida também porque a aldeia está sem parteira. Depois de ter a criança no Pronto Socorro na terça-feira passada, Acendina está na chácara.

Valdeni, da mesma aldeia, está com um filho na UTI em Cuiabá por causa de uma pneumonia. No caso dela o prédio-chácara funciona como um local de estadia, outra função exercida pelo ambulatório.